

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
PRÓ-REITORIA DE ENSINO | DIRETORIA DE ENSINO PRESENCIAL
CURSO DE ARTES VISUAIS - BACHARELADO

HEITOR MACHADO RIBEIRO

ARTE E REFLEXO

Criciúma, SC

2023

HEITOR MACHADO RIBEIRO

ARTE E REFLEXO

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharel no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador(a): Prof. Me. Sérgio Honorato

Criciúma, SC

2023

HEITOR MACHADO RIBEIRO

ARTE E REFLEXO

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas Visuais : Linguagens

Criciúma, XX dede 2023. (data da defesa)

BANCA EXAMINADORA

Prof. Sérgio Honorato - Mestre - (UFSC) - Orientador

Prof. Felipe Machado -Mestre - (UNESC)

Prof. Angélica Neumaier - Mestre - (UNESC)

Dedico meus olhos a todos que desejam sentir.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente ao meu psicólogo Alexsandro Honório, que me auxiliou para continuar a trilhar o caminho da arte, sem ele eu acredito que não estaria escrevendo esse tcc.

Ao meu grande amigo Breno Stern, pois sem ele eu não teria tido o contato com o carvão.

A minha família, pelo apoio, carinho e cuidado que sempre tiveram por mim, mesmo em momentos em que me sentia esvaziado, eles permaneciam para ajudar.

Agradeço também por todas as amizades que fiz durante esse percurso, principalmente a turma que está se formando comigo, sem vocês eu teria reprovado por falta provavelmente.

Por fim, agradeço a todos os professores, em especial meu Orientador Sérgio Honorato e as professoras Odete e Angélica, pessoas simplesmente incríveis e com uma energia linda, que iluminaram meu trajeto na arte e me ajudaram a florescer.

“O artista deveria acreditar em seus olhos.”

Rodin

RESUMO

A partir da metodologia Artográfica, analisando o processo criativo do artista e do meu próprio. Trabalho com a pretensão de compreender, de forma poética, como o processo artístico funciona, desde o início, até o fim. Na busca pela resposta da pergunta "Por que a arte é o coração do artista?", produzi 5 obras artísticas que irão trabalhar o coração da forma que eu o vejo, como um olho, que tudo sente. Sustento esta pesquisa com o livro "Gesto Inacabado" de Cecília Almeida Salles, onde é tratado do processo criativo, juntamente com Leonardo Verde Carréu, em "A Cartografia e Artografia como métodos vivos de investigação em arte e em educação artística". Como inspiração técnica dos meus trabalhos, cito Jono Dry, artista hiper-realista que desde sempre me intrigou, não somente pela aptidão ao reproduzir detalhes, mas também na forma como ele fala com suas artes, sem permitir que suas obras se limitem apenas a uma mera "cópia". Os capítulos são referenciados com nomes da anatomia óptica, pelo fato de todas as obras trabalharem com o globo ocular como foco. Cada subcapítulo das obras traz ênfase ao meu processo e sentimento, então aprecie com calma e reflita. O que me motivou a produzir esta pesquisa, foi a busca contínua e infinita por mim mesmo, deixando meus olhos e coração guiarem toda a minha arte.

Palavras-chave: Subjetividade, Carvão, Sentimentos, Surrealismo e Processo Criativo.

Íris

Íris 1 - Berkana 2021	12
Íris 2 - Placas de quartzito representando animais, Caverna Apolo 11	14
Íris 3 - Materiais, Acervo do Autor	19
Íris 4 - Tons lápis grafite, Acervo do Autor	20
Íris 5 - Olhar, Acervo do Autor	22
Íris 6 - Olfato, Acervo do Autor	26
Íris 7 - Olho de Boneca, Planta ¹	28
Íris 8 - Toque, Acervo do Autor	30
Íris 9 - Quimera, Acervo do Autor	31
Íris 10 - Paladar, Acervo do Autor	33
Íris 11 - Som, Acervo do Autor	35

¹ Olho de Boneca. *Actaea pachypoda*, o baneberry branco ou olhos de boneca, é uma espécie de planta com flores no gênero *Actaea*, da família *Ranunculaceae*.

CORPO CILIAR

Córnea	11
Pálpebra	14
Esclera	17
Cristalino	22
Olhar	22
Olfato	26
Toque	30
Paladar	33
Som	35
Pupila	37
Referências	38

CÓRNEA

Aqui você irá conhecer de forma mais profunda, como um processo criativo se despeja e progride em meio ao artista. Irá se deparar com artistas que me inspiraram a trilhar o caminho que sigo hoje, a fim de fazê-lo compreender melhor como minha arte chegou no que ela é hoje. Compreender os sentimentos depositados em uma obra, na minha visão, equivale a se olhar no espelho e entender o porquê da sua existência. Algo tão complexo que muitas vezes não é possível responder com palavras, então optei por responder por meio de traços, sombras e luz. Por fim, tudo isso será representado por olhos, não um olho que apenas vê o mundo, mas um olho que sente, vive e respira, um olho artista.

A arte é o imutável e mutável, a compreensão da incompreensão, a resposta que não possui pergunta, ela vem quando o artista precisa, mas somente se ele a buscar e foi assim que eu pude encontrar a arte, claro que não de forma palpável apenas, mas encontrei ela em meio ao toque, som, gosto, olhar e cheiro.

É inevitável que um artista muitas vezes se sinta perdido em meio a um devaneio de ideias, referências e pensamentos que muitas vezes acabam gerando um tormento de informações, a ponto de muitas vezes não chegarem a uma conclusão. Simplesmente ficam dilacerando sua mente, rasgando e buscando uma saída, até que então o artista despeje tudo sobre o papel, num processo que pode ser visto de diversas formas, mas para mim, é o regurgitar do artista, o momento onde ele transborda e tudo que sente se esvai, criando linhas, tons, curvas e sombras.

Entender uma composição não se limita apenas ao olhar, todo o processo é necessário para um bom entendimento do que se é passado, quando se tem a chance de presenciar a criação de uma obra, seja ao vivo ou por meio de documentações. O espectador não só a sente como mergulha a sua mente em um vasto e longo caminho, um percurso que pode não ter fim, mas que sempre que é visto novamente, abre novas estradas, muitas vezes guiadas pelos sentimentos que preenchem o nosso ser, no exato momento em que os nossos olhos o tocam.

Embora eu sinta a arte, eu ainda vejo que ela nunca será minha, a questão de uma obra ser vista como algo de autoria de um artista se choca com a compreensão de que a obra fala com todos que conversam com ela. A arte possui vida e

sentimentos, que depositados pelo próprio artista, no decorrer da sua produção, se chocam como num espelho que ao ver um espectador a sua frente, envia linhas que perfuram e se interligam em busca de conexões e semelhanças no interior de cada pessoa, sendo assim, por mais que ela tenha sido feita pelas mãos de alguém, a obra jamais é controlada.

Me deparei com a arte desde novo, mas foi apenas em 2019 que eu decidi tomar um rumo como um artista, via-me perdido e percebi que o caminho que eu precisava tomar era nítido, só precisava da coragem. Comecei a cursar Artes Visuais em 2020 e agora me vejo finalizando essa etapa da vida da qual não me despeço, apenas prossigo. Tendo em vista que processo criativo é algo muito individual, por mais que existam técnicas e procedimentos que sistematizam a forma de produzir arte, o processo é completamente único e mesmo catalogado, somente o artista o possui por completo e o conhece desde o acender da chama até o último brilho do seu queimar em meio às cinzas.



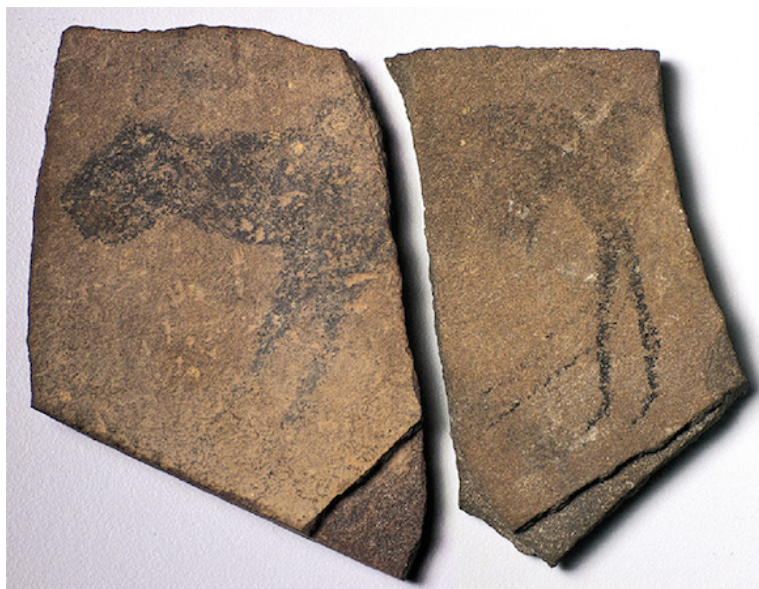
Íris 1 - Berkana 2021, 114 x 80 cm

Ilustrando como um processo criativo funciona, quero citar um artista que serve como inspiração para a minha arte até hoje, Jono Dry, Íris 1. Nascido na África do Sul, trabalha com hiper-realismo, buscando muitas vezes um contexto sobrenatural, às vezes trabalhando com o seu próprio corpo como referência, ele cria obras que são além de lindas, profundas. Jono tem um forte apreço pela utilização de chifres quando retrata humanos, além de desenhar animais de origem Africana, trazendo o peso cultural que herdou do seu país e continente. Nisso é possível entender que uma obra não é apenas física, ela agrega consigo história, vida e sentimento.

PÁLPEBRA

Para contar um pouco sobre a história do carvão, retirei um trecho do artigo publicado pelo artista Edmar Osti, “O carvão é um dos primeiros meios registrados que os humanos usaram para desenhar, protagonizando pinturas rupestres de 28.000 anos, enquanto seu processo de manufatura data de 30.000 anos. As partículas do carvão vegetal se espalham com facilidade pela superfície já que os bastões não possuem aglutinante, por isso é manipulado com facilidade com o dedo, pincel, esfuminho, cotonete, etc. Por isso, necessita de um fixador para preservação da técnica. Pelo mesmo motivo, o carvão não era usado como uma técnica de refino ou finalização durante o renascimento, mas principalmente como estudo ou esboços preparatórios, se tornando um método artístico em si apenas no séc. XX”. Lendo isso é possível compreender que o carvão não é um material atual, possuindo uma bagagem histórica enorme pelo decorrer do tempo,

Na “Íris 2” é possível ver um desenho de uma suposta zebra, que seria um dos primeiros relatos do uso do carvão de forma artística. De acordo com o site Khan Academy, esta placa faz parte de um conjunto de 7, com representações de animais utilizando carvão, ocre e branco,



Íris 2 Placas de quartzito representando animais, Caverna Apolo 11, Namíbia, c. 25.500–25.300 a.C. Feito a carvão. Imagem cortesia do Museu do Estado da Namíbia.

Para compreender melhor o processo criativo, utilizei um livro que aborda o assunto do ponto de vista crítico da autora e de outros artistas, "Gesto Inacabado" ALMEIDA, cecília, 2004. Lendo o livro foi possível entender que o processo de uma obra de arte é a chave para o seu aprofundamento. Cecília cita que uma obra nunca tem fim, mesmo quando o artista termina os últimos detalhes, ela continua sofrendo metamorfoses durante sua existência, se adaptando e gerando novas perspectivas com o tempo.

Durante a leitura nos deparamos com uma das frases que mais me fez refletir nesse assunto, "O ser sensível é como um espelho d'água, encrespado ao mais ligeiro vento" OSTROWER, fayga. Lendo isso eu pude ver o que seria esse trabalho como um todo, pude me ver como um espelho d'água, que a muito tempo estava parado, mas ao sentir uma brisa vir se desconstruiu, e começou um processo de transformação em busca do nascimento de um artista. A arte é subjetiva, é o interior do artista, a alma dele, por mais que tente encontrar pontos que se interligam durante a criação de uma arte, nunca serão exatamente iguais. Cada artista é único.

Sendo assim, o processo vem desde o primeiro pensamento até a assinatura do artista sobre a obra, anotações, buscas por referências, noites produzindo ou até mesmo sentado admirando uma pequena parte do que foi feito. Tudo que se refere a sua arte a partir do início da idéia, faz parte do processo, ela nunca vai ser apenas o que você encontra no museu. Na verdade, a obra final é apenas um fragmento do que ela representa, por mais bela que seja.

"A arte não consiste mais em um objeto para você olhar, achar bonito, mas para uma preparação para a vida." CLARK, Lygia, 2020. Após ler essa citação, pude compreender que a arte, além de me proporcionar uma ampliação de sentidos, também me auxilia para a vida. Durante uma produção, na qual eu acabo levando dias, ou até mesmo semanas, me deparo com muitos "eus", onde me encontro triste, feliz, esvaído, perdido, porém a arte tende a me libertar desses sentimentos, me ajuda a lidar com eles e me preparar para futuros imprevistos internos. Penso que a preparação para a vida, da qual Lygia se refere, não se limita a algo sistemático e linear, um percurso que todos acabamos percorrendo, que seria de nascer, crescer e morrer, mas sim, uma preparação mental, interna, de autocompreensão e aceitação, um amadurecimento, como de uma fruta, que possui diversos sabores, dependendo da época em que se encontra.

Minha pesquisa se fundamenta na metodologia da artografia. Estudando mais a fundo com a leitura “A Artografia e Cartografia como métodos vivos de investigação em arte e educação artística” de Leonardo Verde Carréu ,2019, pude compreender que ela se encaixaria perfeitamente na minha proposta, que tem como finalidade, apresentar meu projeto pessoal. “Em suma, a/r/tografia é uma forma de investigação baseada nas artes que rompe critérios padronizados de pesquisa, ao mesmo tempo que evoca e provoca possibilidades alternativas de compreensão.” Natalie LeBlanc e Rita L. Irwin, 2019. Sendo assim, o pilar desse projeto é o processo da criação da obra artística, tudo gira em torno de analisar o processo e entendê-lo.

ESCLERA

Não posso falar das minhas produções sem comentar sobre os materiais que trabalho até hoje, sendo assim neste subcapítulo, abordo um pouco de como foi o meu processo com eles.

O primeiro deles e acredito que tenha sido o primeiro de muitos de vocês, foi o grafite. Comecei como toda criança, rabiscando cadernos, mesas de aula, livros, paredes, porém, nessas minhas pequenas brincadeiras, notei uma aptidão para copiar e retratar figuras. Nisso, acabei dedicando uma atenção maior à criação de personagens, com preferência pelos traços mais cartoon e de animes, que era o que eu costumava consumir na época.

Chegando no meu ensino médio, comecei a criar um apreço pela anatomia e realismo, com uma grande paixão por desenhar olhos, não globos oculares como nas obras artísticas que irei abordar aqui, mas olhos juntamente do rosto. Seguindo assim um caminho sem volta para o realismo e técnicas de sombra e luz.

Em 2018 eu comecei minha primeira faculdade em Florianópolis, Design de Jogos na UNIVALI. Era um curso bem interessante e que me proporcionou o contato com uma técnica chamada grid, que ainda utilizo algumas vezes atualmente. Essa técnica me ajudou a chegar em uma proporção anatômica perfeita, onde basicamente todos os detalhes da referência passam para o papel, detalhe por detalhe.

Com a utilização do grid e tentativas de texturas e sombras mais profundas e trabalhadas, percebi que eu teria como crescer nesse mercado. Sendo assim, comecei a me dedicar a retratos e releituras e troquei de curso, vindo para Criciúma cursar Artes Visuais na UNESC.

Chegando aqui pude começar o curso da pior forma possível, com uma pandemia. Passei dois anos de faculdade cursando a distância devido ao Covid 19, fazendo diversas aulas práticas online, evitando contatos com materiais, ateliês e pessoas. Além de claro, me prejudicar muito nos estudos, acabou afetando mais ainda minha saúde mental, onde eu me via perdido e sem rumo. Todos os dias com dúvida do que eu faria da minha vida, se arte era o que eu realmente buscava e amava, além de questionar minha capacidade produtiva.

Porém, em 2022 eu tive o grande prazer de conhecer a pessoa que me proporcionou o contato com o carvão. Um certo dia estava indo até o shopping Della

com a minha amiga, quando me deparei com uma galeria de obras de arte, não me recordo o nome, porém lá tinha um senhor sentado chamado Breno Stern. O Breno simplesmente me ofereceu uma caixa da marca creta com uns pedaços de carvão comprimido e carvão branco. Até esse momento eu nunca tinha me deparado com carvão além do vegetal, foi algo surpreendente pois pude utilizar para um dos trabalhos da faculdade que eu estava produzindo, aliás, minha primeira arte autoral. Neste trabalho eu apenas preenchi o fundo e tentei sombrear de leve o que eu havia feito com grafite, mas comecei a perceber algo que me encantou, o carvão era fosco. Diferente do grafite, ele não ficava refletindo em contato com a luz, além de atingir um preto muito mais profundo e denso, o que me atraiu na hora pela beleza.

No final deste mesmo ano eu acabei produzindo algumas obras em carvão para o ateliê em fluxo, evento fornecido em uma das disciplinas da UNESC. Porém foi nessa mesma época que eu decidi fazer uma continuação para o desenho que me referi no parágrafo anterior, além de já planejar utilizá-los no meu tcc, que você está lendo agora.

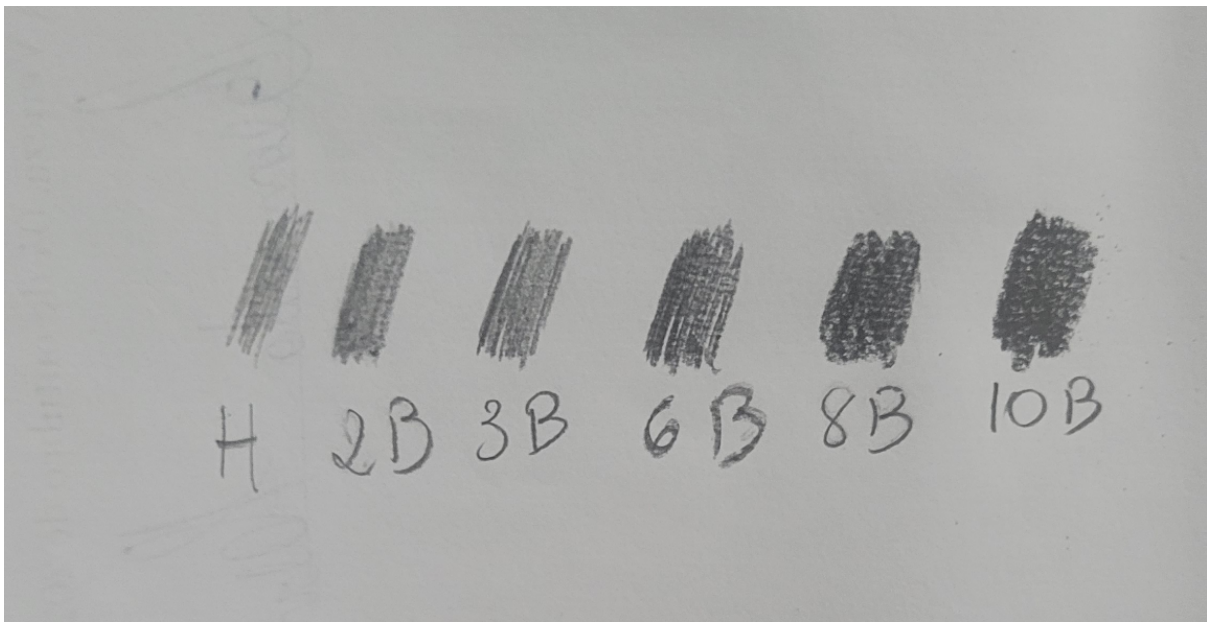
Desde esse momento em diante, eu me apaixonei pelo carvão, mas em 2023 eu simplesmente não consegui me desgrudar, pois comecei a produzir releituras de personagens que eu amo e percebi o potencial que esse material tinha em minhas mãos. Além de me sentir solto ao sombrear e poder preencher áreas com maior facilidade do que com o grafite, percebi que o carvão é absurdamente fácil de limpar e arrumar erros, ele te fornece uma liberdade incrível.

Hoje me dedico apenas a me aprofundar nas técnicas de carvão, que se tornou o material do qual pretendo seguir utilizando por um bom tempo, já produzi novas obras e não irei me desfazer dele tão cedo.



Íris 3 Materiais, Acervo do Autor

A imagem acima, Íris 3, mostra os materiais que estou utilizando atualmente em minhas produções artísticas. Gosto de usar o carvão vegetal fusain (caixa amarela "A"), para criar camadas bases e esboços iniciais dos desenhos, principalmente pela facilidade de retirá-lo do papel, saindo com a mão ou um pano. A lixa "B" é utilizada para afinar a ponta dos lápis e também produzir pó de carvão, que utilizo para sombras e detalhes. O papel manteiga "C", é usado para esfumar e retirar excessos de carvão, às vezes também serve para criar texturas. Os lápis de carvão "F e G" possuem durezas diferentes, ou seja, quanto mais duro menos escuro ele se torna, semelhante ao grafite, que possui desde H até 12B ou superior. Entendendo isso, eu acabei optando pelos lápis "Hard", que seria a maior dureza dos lápis de carvão, principalmente pela forma que eu começo meus desenhos, com uma base. Com o lápis de carvão eu demarco as linhas guias e após isso eu passo uma base de carvão vegetal, depois demarco as sombras com o carvão comprimido "H" (barra de carvão preta), seguido pela finalização com o carvão em barra branco e o lápis branco "I e J".



Íris 4 Tons lápis grafite, Acervo do Autor

Não posso deixar de citar as borrachas e o pincel "K", que por sinal, possuem um papel importantíssimo no meu processo. Após a passagem do carvão comprimido, eu costumo pincelar o desenho, até mesmo uso o papel que está na imagem, que serve para tirar excessos e criar texturas. Depois de pincelar, deixar bem esfumado e desfocado, começo trabalhando com a borracha limpa tipos "D", aquela que

parece uma massinha de modelar, gerando pontos de luz e dando contraste para o desenho. Para detalhes menores eu acabo optando pela caneta borracha "E", que possui maior precisão e delicadeza, quando se trata desse tipo de tarefa. Por fim, somente corrijo os "erros" e aprecio a produção.

Acredito que o processo e utilização de materiais, por mais intuitivo que seja, acaba sendo sempre subjetivo, pois muitas vezes o artista vai inventar um jeito de usar seu pincel, lápis, borracha. Então, deixo como uma sugestão: experimente, não há nada mais incrível do que se sentir livre para desfrutar da sua arte e dos seus materiais, de forma a criar o que se quer, sem precisar de restrições ou regras.

CRISTALINO

Olhar



Íris 5 Olhar, Acervo do Autor

A obra de arte “O olhar” Íris 5, retrata a minha própria mão com um globo ocular na ponta do dedo indicador, o olho representando o ser sensível e a mão na tentativa de alcançá-lo. O olho nesta obra, não se limita apenas a visão humana, ele é também a visão artística e criativa.

Quando você se depara com algo e o enxerga, aquilo se torna real e começa a virar parte de, pelo menos, alguns segundos da sua vida. Depois que você olha aquilo que outrora foi o presente, se torna memória, a qual se distorce e se entrelaça em diversas outras, criando diversos ramos, como de uma flor, delicados e únicos, que trazem com cuidado aquilo que passou pelos olhos. Olhos aqueles que têm o poder de não apenas ver, mas de julgar, temer, amar e chorar. O principal motivo de eu trabalhar com olhos em minhas produções, vem do poder que eles possuem na capacidade do artista de desempenhar o que ele busca, a criação.

Os olhos são ferramentas, com as quais o artista vê o mundo ao seu redor, levando essas “fotografias” para a sua cabeça, a fim de desmembrar uma nova ideia e criação. Sendo assim, na obra “O olhar”, eu represento um olho sozinho na ponta do meu indicador, colocado como o ponto mais alto do desenho e olhando diretamente para o espectador, gerando diversas sensações e sentimentos. Esse olho é de forma figurativa a criatividade na forma mais pura que eu posso ver.

É difícil falar de uma composição, pois, ao mesmo tempo que ela é física ela não é. Como algo físico poderia apenas estar no papel, se você sente aquilo interferir no seu coração?

Algo que sempre me intrigou foi como os olhos, absurdamente detalhados e delicados, tem o poder de captar imagens e de certa forma interligá-las, modificá-las a ponto de criar algo totalmente novo. Uma arte visual, por mais inusitada que seja, é baseada em imagens. Sendo assim, quanto mais você vê, mais o seu repertório mental de referências cresce, ampliando ideias, sonhos e planos, além de incentivar o artista a ter um carinho e atenção maior pelo que está ao seu redor.

Quando fui desenhar a obra “O olhar”, a única coisa que me vinha na cabeça era, “eu preciso buscar uma identidade, algo totalmente meu”, foi aí que eu decidi começar a tirar as minhas próprias fotos. Partindo disso, comecei a fotografar meu próprio corpo como referência, gerando mais segurança quando pensava na parte autoral do que eu produzia, já que não existe nada mais seu do que você mesmo.

No decorrer da produção, pude me deparar com diversas situações frustrantes, detalhes que eu não conseguia transpor para o papel, sombras que não ficavam delicadas do jeito que eu desejava, entre outras coisas. Foi então que eu comecei a entender um pouco mais sobre o processo, deixando a obra ir se revelando para mim aos poucos, de forma a somente no final eu realmente poder julgá-la. Claro que não é fácil para um artista aceitar erros ou a sensação de falta de capacidade, mas comecei a entender que eu não posso desejar a perfeição total em uma obra, caso contrário, eu não teria motivos para buscá-la em obras futuras.

Acredito que cada arte é a resposta de algo passado e a pergunta de algo novo, quando me vem a vontade de criar, ela se permeia por tudo o que eu penso no momento, adentrando todo o meu ser, em busca do inalvejável, muitas vezes sem a intenção de o atingir, mas sim de o guiar. É como uma flecha com uma luz na ponta, rasgando o mais denso escuro, sem objetivos iminentes, apenas indo, como uma folha que não sabe exatamente onde irá cair, mas que precisa se soltar da árvore para encontrar um repouso. Repouso aquele, que talvez não gere um descanso, mas sim um alívio, mesmo que momentâneo, quando o artista é capaz de criar, pensar e aceitar, ele conclui uma nova etapa na sua trajetória.

É nítido, que muitas vezes pode ser confuso, a compreensão do que se deve ou não fazer, mas acho que a melhor maneira de se descobrir é realmente tentando. Desenhar é uma forma de se desprender de tudo aquilo que te cinge, é como se o artista fosse uma fênix, ao final de cada criação, ele morre, deixando um pedaço de memória, tempo e significado. Após isso, ele renasce começando uma nova arte, e o processo prevalece eterno.

Então você me pergunta. “O que encontrou ao final da criação da arte “O olhar”?”. Simplesmente posso dizer que eu vi esperança, pois me encontrava perdido, sem saber como prosseguir como um artista, caminhando e cogitando muitas vezes mudar totalmente o que eu trilho hoje, mas com essa obra, me encontrei. Acho que todo artista se perde em meio aos seus processos, a arte confunde e desconfunde, levando muitas vezes a pessoa à borda da loucura. Mesmo que por um instante, tudo que se passa na mente, se torna real, e se tornando real, aquilo gera algum tipo de sentimento, seja ele bom ou ruim. É impossível escolher o que sentimos, mas o artista tem o dom, mesmo que me incomode muito essa palavra, de criar uma representação daquele sentimento.

Na minha visão a arte é e sempre será o coração do artista, não por inteiro, mas pedaços que vão se soltando, como um quebra cabeça, que para entender por completo, não basta juntar as peças, deve-se entender o processo delas, pois o objeto final é meramente uma ponta de iceberg, do que aquele artista estava sentindo na hora da sua criação.

Olfato



Íris 6 Olfato, Acervo do Autor

Na obra de arte "O olfato" Íris 6, o olho que é o ser sensível, toma o lugar do que seriam flores, partindo para o cheiro ao invés da visão, ele retrata um dos sentidos que, para mim, está mais presente quando me envolvo com materiais físicos. Também é válido citar que o olho toma uma perspectiva diferente nessa obra e em todas as outras.

Pode parecer estranho pensar que o cheiro é algo relativo em uma arte, mas é nítido que ele faz parte e tem um papel importante durante o processo criativo de um artista.

Certamente você já deve ter se deparado com algum material que possuía um cheiro forte, ou talvez, um cheiro suave e que te agradasse. A memória olfativa desse evento pode, posteriormente, ativar sentimentos e desejos no momento em que ela se repete, caminhando em frente a um restaurante, ou floricultura ou um ateliê de artista, disparando, neste momento, uma inspiração, muitas vezes sem perceber que esse cheiro foi o real motivo, mas você estava lá, sentindo.

A ideia de trazer flores para esse trabalho, era além de remeter ao cheiro, levar o espectador a senti-lo. Quando você vê a imagem de um alimento, por exemplo, automaticamente o seu cérebro irá te fazer pensar no cheiro que ele tem, isso faz parte da nossa natureza.

William Shakespeare tem uma fala que me fez refletir muito sobre o que eu produzi. "Se a rosa tivesse outro nome, ainda assim teria o mesmo perfume". Mas e o perfume de uma flor que nunca houvera sido encontrada, uma flor feita de olhos? Qual cheiro ela iria te trazer? Sangue? Carne?

O cheiro é algo que acompanha diversas vezes a rotina do artista, pode ajudar a guiá-lo ou a confundir seus sentimentos, mas ele está ali. Pode estar no alimento que ele come durante a produção, o perfume que ele usa no dia, o local onde ele está, talvez até mesmo a embalagem que chegou com seus materiais novos, com aquele cheiro de novo. Tudo o que está rodeando o artista, mesmo que tenha um cheiro relativamente imperceptível, está lá.



Íris 7- Olho de Boneca, Planta ²

Estranhamente, agora a pouco me deparei com essa planta, que acredito que mesmo não sendo uma flor, tem uma semelhança incrível com a minha produção. Olhos permeando novas realidades, buscando novos lugares para se estar, buscando novas visões de mundo, perspectivas.

² Olho de Boneca. *Actaea pachypoda*, o baneberry branco ou olhos de boneca, é uma espécie de planta com flores no gênero *Actaea*, da família *Ranunculaceae*.

Acho que o ponto principal das minhas criações é esse, a forma metafórica que os olhos são colocados, não como um olho que apenas vê, mas um olho que possui os 5 sentidos, o olho do artista.

No momento em que comecei a buscar referências para a arte “Olfato”, lembro-me de já ter decidido o uso da minha mão novamente, igual fiz no “Olhar”, utilizando a imagem dela juntamente com os olhos. Pode parecer engraçado mas acho que o que mais me fez remeter isso a flores, foi a minha rinite, sempre na primavera ela acabava ficando bem mais forte que o normal, além de, que ao trabalhar com o carvão, ela piorava ainda mais por ter contato com o pó.

Nessa arte eu percebi o carvão tomando conta do meu estilo e do meu ser, era como se ele estivesse se apropriando do papel, sobrepondo o grafite e me chamando. Foi um processo de descobrimento e aceitação, levei um tempo para entender que eu precisava me desprender do grafite, ou eu jamais compreenderia o carvão por inteiro.

Pode acabar sendo clichê, mas na minha visão, o material escolhe o artista, ou talvez ele já venha interligado de alguma forma com o nosso ser desde o momento do nosso nascimento. Sinto que no momento em que eu tive o contato com o carvão, era como se eu já soubesse o que fazer e como usar.

No fim, o processo dessa obra artística me gerou experiências incríveis, me fez conhecer até mesmo o meu corpo de forma mais delicada, gerando uma ligação ainda maior com a arte.

Toque



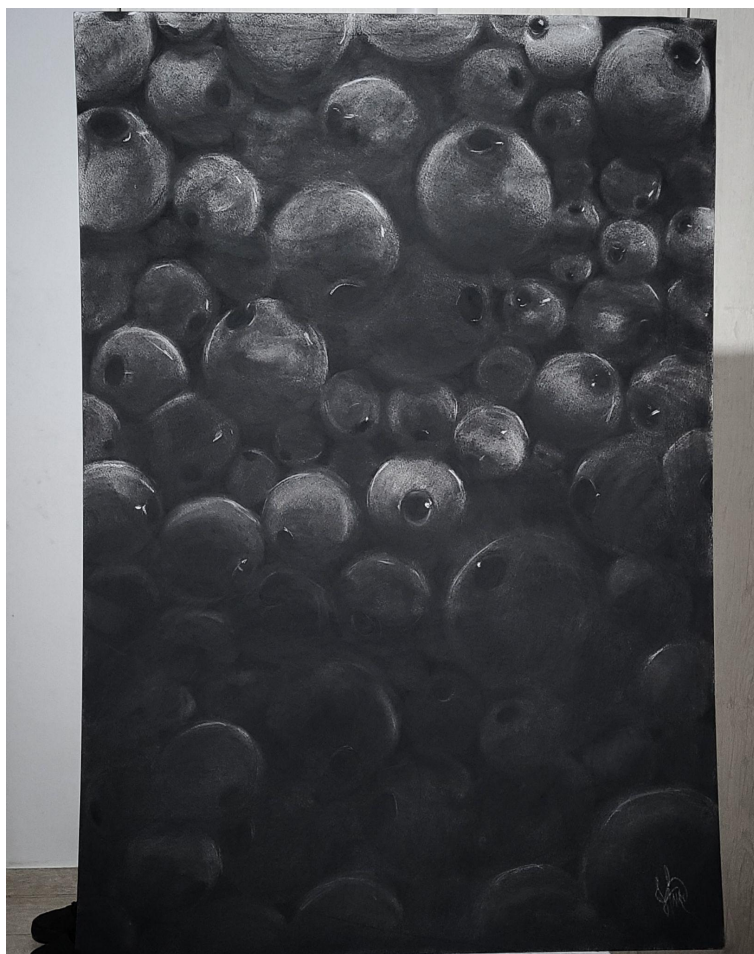
Íris 8 Toque, Acervo do Autor

Nesta obra artística nomeada como “Toque” Íris 8, o espectador se depara com duas mãos se chocando, com os dedos entrelaçados e ao redor de um globo ocular. O olho que por estar sendo esmagado escorre sangue, os dedos demonstrando força e atrito e a pele se tocando.

De fato, o toque é o sentido após a visão, que percebo com mais clareza quando analiso um processo criativo. Você necessariamente vai acabar tocando em um lápis, papel, tela, tinta, seja com suas mãos, rosto ou qualquer outra parte do seu corpo. Mas na minha visão, o toque, igualmente como os outros sentidos, não se resume apenas ao que ele é biologicamente, ele se aprofunda muito mais do que um mero contato físico com o material.

Quando seguro uma barra de carvão, eu não sinto estar apenas com aquele objeto, ele começa a ser um receptor do meu corpo, é como se eu estivesse enviando sentimentos, emoções, fazendo com que aquela barra não se desmanche de forma vazia no papel.

É difícil explicar de forma simples o contato dos sentidos humanos com a arte, pelo menos para mim, isso vem sendo algo complexo. Ao mesmo tempo que parece óbvio, algumas coisas durante os processos de produção artística, começam a vir outras ideias, caminhos e respostas. Você nunca sabe se está certo ou não, a arte é tão profunda que chega a ser assustadora.



Íris 9 Quimera, Acervo do Autor

Recentemente eu estava produzindo um desenho do qual o nomeei “Quimera” Íris 9, retrata diversos olhos formando como se fosse uma parede, nem eu sei ao certo o que seria, somente fiz. Eles se posicionam de uma forma que a luz acaba

não alcançando os olhos que estão na parte inferior do desenho, trazendo um forte contraste que de longe é o que eu mais gosto de fazer quando vou produzir.

Mas o que mais me intrigou ao fazê-la, foi o fato de eu ter feito de forma livre, sem régua ou qualquer objeto que me prendesse, deixando apenas o carvão me guiar pela camada texturizada e ampla do papel.

Pode não representar muita coisa de início, mas eu sempre me senti limitado ao uso do grid³, mesa de luz entre outras formas que facilitam para acertar as proporções. Não digo que seja ruim utilizá-las, até porque ainda faço o uso das mesmas e gosto da eficiência que traz para a produção, porém às vezes é bom sentir que você não depende daquilo para desenhar.

Por fim, o toque, o que seria de um desenhista sem o segurar do lápis, o contato dos dedos com a textura suave do papel, a borracha, às vezes gelada, que permeia a nossa mão?

É incrível perceber que no fim, o que mais importava na minha arte nunca havia sido a obra final, mas sim, todo o processo construído para chegar até ela, o turbilhão de sentimentos, contatos, sonhos e momentos. Tanta coisa passa durante a produção artística que chega a ser triste perder um detalhe. Cada toque na obra, único e precioso, que se finaliza em segundos, mas se mantém eterno e enraizado no que o artista produziu.

³ Grid: Técnica que consiste em quadricular a imagem de referência, trazendo essas medidas para o papel, com a intenção de facilitar a reprodução.

Paladar



Íris 10 Paladar, Acervo do Autor

A obra “Paladar” Íris 10 apresenta o meu corpo da cintura para cima, meus braços se encontram pressionando meu pescoço, minha boca sangrando com um globo ocular trancando minha respiração, e por fim, meu rosto sem os olhos nas cavidades.

Em um primeiro momento, me via perdido para dissertar sobre o paladar. De que forma eu poderia falar de gosto em um desenho?

Foi então que percebi que estava enganado, o gosto na verdade não era um sabor, mas sim uma angústia. Chega a ser engraçado, pois no início eu pensava nos sentidos na forma literal, mas agora eu os percebo transcenderem, deixando seu significado limitado e pressuposto de lado, se transformando.

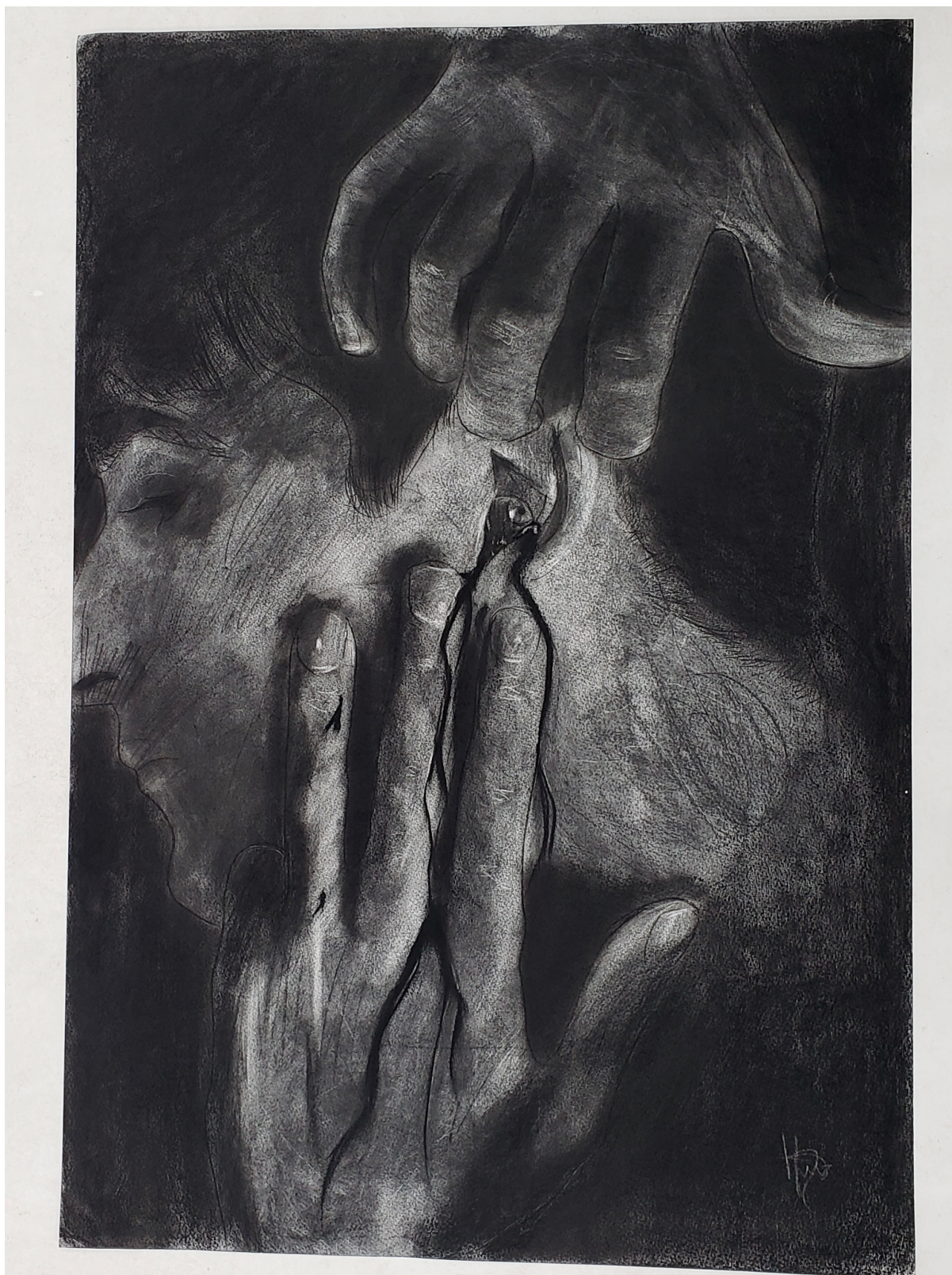
Durante a produção, ansiedade, dor, felicidade, cansaço, tudo isso veio “goela abaixo”, rasgando e forçando meu interior, buscando uma resposta novamente do porque eu produzia. Saborear a arte nem sempre é prazeroso, mas não significa que seja ruim, nascer dói, mas faz parte da vida. A dor nada mais é do que uma parte do processo, sempre auxiliando nossa evolução.

Ao vê-la por completo, senti uma agressividade fortíssima, pois encontrei uma forma de dissolver meus sentimentos mais fortes, marcando o papel com ríspidas passadas de carvão. No final, o que era reflexo se tornou passado, o que eu via em mim já não existia mais, pois morreu e esbranquiçou como olhos perdendo a vida, se desprendendo de mim e me libertando.

Sangra como rio,
corre como o vento,
sabor de mágoa,
mas ao final, sustento e tempo
penso e assim me lembro
sem lamento

MACHADO, Heitor

Som



Íris 11 Som, Acervo do Autor

Na obra "Som" Íris 11, é possível ver a lateral do meu rosto bem aproximada, focando na minha orelha, onde possui um olho no seu interior e sangue que sai da cavidade e escorre até o pescoço.

O contato com o som durante o meu processo é bem comum, pois o carvão tende a produzir um barulho áspero e seco ao passar pelo papel, quase como de uma lixa ao raspar a madeira. Esse mesmo som foi um dos motivos de eu sentir prazer durante minhas produções, até mesmo ao passar a mão, ouvir, sentir, é algo que, na minha visão, somente quem experimenta pode prestigiar.

Louise Bourgeois tem uma frase que eu aprecio muito, "Para ser um artista, você precisa existir em um mundo de silêncio". Gosto de pensar que o silêncio do qual ela se refere, na verdade é o mundo que eu crio quando estou produzindo, me isolando dos sons externos, vozes, barulhos, e me limitando ao que eu quero focar. Sempre que vou desenhar eu preciso escutar música, na maioria das vezes são músicas clássicas, melodias melancólicas que me fazem mergulhar e me aprofundar na minha produção. Uma das músicas que mais me marcou em meus processos é "Vide cor meum" de Patrick Cassidy, utilizei enquanto desenhava o Rei Balduíno IV, do filme "Kingdom of Heaven" de 2005.

A ideia nesta produção artística era trazer o olho como o sentido humano da audição, tendo em vista que por existir som durante o processo do desenho, ele se liga diretamente com o artista e a sua produção.

Durante a leitura do livro Gesto Inacabado, me deparei com uma escrita referente a poesia, que se encaixa perfeitamente na abordagem do som, "Não é apenas um som, é uma evocação de imagens" Stanislavski (1983, p. 142, apud Salles, 2004). Lendo isso percebi que o som é também a reprodução do meu desenho, das imagens que imagino, da passagem da referência para o papel, eles se interligam e se completam durante o processo. O som na minha arte, não é somente audível, ele é visível, como todos os sentidos que pude transcrever nas minhas artes.

PUPILA

E ao apagar dos olhos, com a turva camada da pálpebra sobre a vista, me encontro talvez perdido, porém compreendido, sem medo de sentir, pois ao sentir eu sei que estou vivo, e vivo eu posso sonhar. Ao entender que o fim, na verdade não se trata de uma quina, mas de uma escadaria, consigo ver que produzindo esta pesquisa, concluo que meu coração é pura arte, pois se não fosse, como eu iria senti-lo bater ao transparecer meus sentimentos e emoções, em traços e sombras que permeiam minha mente e meu papel.

“A boca fala do que está cheio o coração, e a arte é o coração do artista.” SENFFT, Rafaela 2017. Meu coração pulsa arte e nele somente entra aquilo que expressa a mesma. O processo além de determinar toda a minha sensibilidade e trilhagem durante a produção, coloca meu sentir como algo mais profundo do que o vazio do espaço, entendendo que por mais que você busque inspirações, lógicas, técnicas e tudo mais, sua arte só será boa, quando você compreendê-la.

Finalizo esta pesquisa buscando novas perspectivas com meus olhos, onde os permito tocar, ver, ouvir, saborear e aspirar. Sem eles eu seria como um lápis sem papel, sendo assim, pretendo me aprofundar na compreensão deles como um ser por completo, tentando desvendar segredos que talvez jamais serão desvendados. Mas o que seria de um artista sem um pouco de aventura, já que produzir nos força a buscar caminhos novos todos os dias.

A escrita também tem o objetivo de auxiliar artistas, que assim como eu, se viram perdidos nesse percurso da carreira artística. Todo o meu processo, meus diálogos internos, serviram para um amadurecimento que acredito ser parte da vida de muitas pessoas, mesmo que não exatamente da mesma forma. Sendo assim, espero que tudo que eu transmiti com meus sentimentos, toquem aqueles que precisam.

Enquanto eu ver...

REFERÊNCIAS

JONO Dry Art. [S. l.], 1 jan. 2021. Disponível em: <https://www.jonodryart.com>. Acesso em: 28 jun. 2023.

SALLES, Cecília A.. **Gesto Inacabado : processo de criação artística**. 2 ed. São Paulo: FAPESP – Annablume, 2004. 168 pp. ISBN 85-7419-042-X

OSTI, Edmar. Anatomia a Carvão. cyanoestudio. Disponível em: <https://www.cyanoestudio.com.br/anatomiaemcarvao#:~:text=O%20carvão%20é%20um%20dos,manufatura%20data%20de%2030.000%20anos..> Acesso em: 03 nov. 2023.

Origens da arte rupestre na África. Arte rupestre e as origens da arte na África, . Disponível em: <https://pt.khanacademy.org/humanities/prehistoric-art/paleolithic/sites/a/apollo-11-stones>. Acesso em: 03 nov. 2023.

SENFET, Rafaela. A arte é o coração do artista. E quando esse coração não leva a Esperança?. ultimo, 2017. Disponível em: <https://ultimo.com.br/sites/jovem/2017/10/06/a-arte-e-o-coracao-do-artista-e-quando-esse-coracao-nao-leva-a-esperanca/>. Acesso em: 03 nov. 2023.

CLARK, Lygia. Um brinde à arte de Lygia Clark – e à sua influência na educação. Redação, 2020. Disponível em: <https://desafiosdaeducacao.com.br/arte-de-lygia-clark/>

CHARRÉU, Leonardo Verde. A CARTOGRAFIA E A ARTOGRAFIA COMO MÉTODOS VIVOS DE INVESTIGAÇÃO EM ARTE E EM EDUCAÇÃO ARTÍSTICA. 1. ed. DIACRITICA, 2019. 77-103 p. v. 33.

LEBLANC , Natalie =; IRWIN, Rita L. . A/r/tography. **Oxford Research Encyclopedias**, 2019. Disponível em: <https://oxfordre.com/education/display/10.1093/acrefore/9780190264093.001.0001/acrefore-9780190264093-e-393;jsessionid=8C53985A0072512DA450D8502FE37299?rskey=F4uBeG&result=15>.